

ALEXANDER SOARES MAGALHÃES

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

GT 19 - METODOLOGIAS DE ENSINO EM SOCIOLOGIA/CIÊNCIAS SOCIAIS E O
UNIVERSO DIGITAL: USO DE TICS E EDUCAÇÃO MUDIÁTICA

**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ENSINO DE SOCIOLOGIA:
POTENCIALIDADES, LIMITES E MEDIAÇÃO**

São Paulo

2025

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ENSINO DE SOCIOLOGIA: POTENCIALIDADES, LIMITES E MEDIAÇÃO

Alexander Magalhães¹

RESUMO

O presente trabalho discute as potencialidades e limites do uso da inteligência artificial (IA) no ensino de Sociologia, a partir de uma abordagem teórico-reflexiva e qualitativa. Em um cenário educacional marcado pelo avanço das tecnologias digitais, o uso de ferramentas como o ChatGPT tem se ampliado nas práticas pedagógicas, exigindo atenção crítica aos seus impactos. O estudo parte da experiência do autor no Ensino Médio, em que atividades didáticas foram aprimoradas com o apoio da IA. A metodologia baseou-se em revisão bibliográfica e análise documental, articulando quatro eixos principais: a inserção das tecnologias no ensino de Sociologia; os riscos associados aos vieses algorítmicos e à despolitização do conhecimento; os desafios da disciplina no currículo escolar; e a importância da mediação docente. O trabalho contou com o uso do ChatGPT como interlocutor crítico e revisor textual, permitindo vivenciar os limites e as potências da IA na produção acadêmica. Conclui-se que a inteligência artificial pode ser um recurso relevante no ensino de Sociologia, desde que seu uso seja orientado por uma mediação ética, pedagógica e politicamente comprometida com a formação crítica dos estudantes. Além de recurso, a IA deve também ser tratada como objeto de análise em sala de aula, contribuindo para a desnaturalização de comportamentos, discursos e estruturas sociais.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Ensino de Sociologia. Mediação Crítica.

INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias digitais nas últimas décadas tem provocado transformações significativas nos processos educacionais. Entre essas inovações, a inteligência artificial (IA) passou a ocupar um papel de destaque, sendo incorporada em diferentes contextos pedagógicos, seja como recurso de apoio à docência, seja como ferramenta diretamente acessada por estudantes. Nesse cenário, surgem novas possibilidades, mas também desafios e dilemas que afetam a dinâmica da sala de aula, a relação com o conhecimento e o próprio papel do professor.

No ensino de Sociologia, os impactos da IA se tornam particularmente relevantes. Trata-se de uma disciplina voltada à formação crítica, à análise das estruturas sociais e à problematização das relações de poder. Inserir ferramentas de inteligência artificial nesse campo requer mais do que a

¹ Professor Titular de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do CEFET-RJ. Identificado como homem branco, residente na cidade do Rio de Janeiro RJ. E-mail: alexander.magalhaes@cefet-rj.br

simples aplicação de tecnologias; exige reflexão ética, atenção aos processos de construção do conhecimento e compromisso com uma prática educativa voltada à cidadania e à transformação social.

Este trabalho tem como objetivo discutir as potencialidades e os limites do uso da inteligência artificial no ensino de Sociologia, partindo de uma abordagem teórico-reflexiva. A discussão foi motivada por experiências docentes que envolveram o uso de IA no planejamento e execução de atividades pedagógicas no Ensino Médio, utilizadas aqui apenas como contexto inicial para a problematização.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e de natureza exploratória. Foi construída por meio de revisão bibliográfica e análise documental, articulando diferentes eixos de reflexão: a inserção das tecnologias no ensino de Sociologia, os riscos associados ao uso acrítico da IA, a função formativa da disciplina no currículo e os desafios contemporâneos impostos à educação. A escrita do trabalho contou com o apoio do ChatGPT, utilizado como interlocutor crítico e revisor textual, de forma supervisionada e consciente por parte do autor.

Ao longo do texto, argumenta-se que a IA pode ser incorporada ao ensino de Sociologia como ferramenta de apoio, desde que seu uso esteja submetido a uma mediação crítica, ética e pedagógica. Ressalta-se também a importância de tematizar a própria inteligência artificial como objeto de análise sociológica em sala de aula, contribuindo para a formação de estudantes capazes de compreender e questionar os mecanismos que estruturam a sociedade contemporânea. O trabalho sustenta, por fim, que é preciso reafirmar o papel da Sociologia como espaço de resistência à despolitização do conhecimento e de promoção de uma educação orientada pela inclusão, pela justiça social e pelos direitos humanos.

METODOLOGIA

Este trabalho insere-se no campo da pesquisa qualitativa, com abordagem teórico-reflexiva e natureza exploratória. Seu objetivo é discutir criticamente as potencialidades e os limites do uso da inteligência artificial no ensino de Sociologia, a partir de uma análise fundamentada teoricamente, orientada por experiências docentes e pela revisão de literatura especializada.

Como ponto de partida para a reflexão, toma-se uma prática didática desenvolvida com turmas do Ensino Médio, intitulada “Praticando a Democracia Institucional” — uma simulação parlamentar que foi posteriormente aprimorada com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial. Essa experiência foi sistematizada e apresentada em evento acadêmico, sendo aqui utilizada como



referência contextual para problematizar o uso da IA no planejamento e na execução de atividades pedagógicas, sem, no entanto, constituir objeto de análise empírica central (MAGALHÃES, 2023).

A elaboração deste trabalho contou com o apoio do ChatGPT, ferramenta de inteligência artificial generativa, utilizada como interlocutor crítico e revisor textual. A IA foi mobilizada ao longo da escrita para sugerir estruturas argumentativas, revisar a coesão e coerência textual, propor alternativas de formulação e colaborar na organização lógica das seções. O uso do ChatGPT, neste caso, foi acompanhado por uma postura ativa e reflexiva do autor, que manteve o controle sobre os rumos do texto e as escolhas conceituais, demonstrando na prática a possibilidade de utilização crítica e ética da inteligência artificial na produção acadêmica.

Além disso, a metodologia adotada fundamenta-se em revisão bibliográfica e análise documental de caráter analítico-interpretativo. Foram selecionadas obras acadêmicas e documentos que discutem os impactos sociais, pedagógicos e epistemológicos das tecnologias digitais, com destaque para a inteligência artificial e seus desdobramentos no campo educacional. A análise dialoga também com os debates sobre o papel da Sociologia no currículo do Ensino Médio, suas funções formativas e os desafios enfrentados no contexto atual.

A reflexão apresentada está ancorada em uma concepção de educação comprometida com os direitos humanos, com a valorização dos saberes dos educandos e com práticas pedagógicas inclusivas e transformadoras. Essa perspectiva sustenta o olhar crítico lançado sobre o uso da IA na escola e orienta as proposições apresentadas ao longo do texto.

REFERENCIAL TEÓRICO

A reflexão desenvolvida neste trabalho apoia-se em um conjunto de contribuições teóricas que permitem compreender criticamente o uso da inteligência artificial (IA) no ensino de Sociologia. O recorte adotado articula diferentes dimensões do problema — epistemológica, política, curricular e pedagógica — à luz das transformações contemporâneas no campo educacional e tecnológico. O primeiro eixo de discussão parte da noção de sociologia digital, conforme proposta por Nascimento (2016), que defende a necessidade urgente de atualização teórico-metodológica da Sociologia frente à era dos dados massivos e à crescente digitalização da vida social. Para o autor, a sobrevivência da Sociologia no século XXI dependerá de sua capacidade de se instrumentalizar tecnologicamente, sem renunciar a seu compromisso crítico com a leitura das estruturas sociais. Essa abordagem oferece base para compreender a inserção da IA como uma possibilidade de renovação pedagógica no ensino de Ciências Sociais.





O segundo eixo teórico remete à crítica das estruturas de poder embutidas nos sistemas algorítmicos, especialmente no que diz respeito ao racismo algorítmico. Silva (2022) define essa forma de discriminação como uma atualização do racismo estrutural nas plataformas digitais, revelando como algoritmos treinados com dados historicamente enviesados podem perpetuar desigualdades raciais de maneira automatizada e silenciosa. Esse debate é aprofundado por Silva (2023), que associa o avanço da IA a um modelo de sociedade que opera ruínas históricas, reforçando apagamentos, violências e exclusões — sobretudo contra grupos racializados — sob a aparência de neutralidade tecnológica. Ambas as autoras fundamentam a crítica sociotécnica que sustenta a problematização central deste trabalho.

Um terceiro eixo aborda os vieses inconscientes e os dilemas éticos da inteligência artificial no campo educacional. Boratto (2023) destaca que as aplicações baseadas em IA operam com critérios invisíveis que impactam diretamente os sujeitos que as utilizam, o que exige uma supervisão ética rigorosa e uma atuação interdisciplinar na definição dos objetivos dos algoritmos. Complementando essa discussão, Pimentel e Carvalho (2023) chamam atenção para os riscos de uma dependência automatizada em sala de aula, advertindo para o uso não-crítico dessas ferramentas por estudantes e educadores.

No quarto eixo, retomam-se os debates sobre o lugar da Sociologia no currículo do Ensino Médio. Bodart e (2020) argumentam que a disciplina ocupa um papel central na formação cidadã e na construção do pensamento crítico, mas enfrenta ameaças no contexto da Reforma do Ensino Médio e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que tendem a desvalorizar componentes curriculares voltados à reflexão social. Assim, discutir a incorporação da IA no ensino de Sociologia implica também defender a permanência e o fortalecimento da disciplina enquanto espaço de elaboração crítica e política.

Por fim, a concepção de educação que orienta este trabalho é inspirada nos princípios da educação em direitos humanos e na pedagogia freiriana. Conforme defende Paulo Freire (1996), a prática educativa deve se pautar por relações horizontais entre educadores e educandos, valorizando os saberes dos sujeitos, promovendo a inclusão e estimulando a transformação social. Tal horizonte ético-político é aqui retomado como referência para pensar o uso crítico, ético e humanizado das tecnologias digitais no espaço escolar.

POTENCIALIDADES E LIMITES DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ENSINO DE SOCIOLOGIA





O avanço das tecnologias digitais tem provocado transformações profundas no campo educacional, exigindo da escola e dos educadores não apenas a atualização de suas práticas, mas também uma reflexão crítica sobre os sentidos e os usos dessas ferramentas no processo de ensino-aprendizagem. No caso específico da Sociologia, disciplina comprometida com a formação do pensamento crítico e com a análise das estruturas sociais, essa reflexão torna-se ainda mais urgente, sobretudo diante da crescente incorporação de sistemas de inteligência artificial, como o ChatGPT, em contextos escolares. Mais do que transmitir conteúdos, o ensino de Sociologia busca provocar o estranhamento do cotidiano, estimular o questionamento das desigualdades e desenvolver nos estudantes a capacidade de análise das relações de poder. Por isso, o uso de ferramentas de IA deve ser cuidadosamente mediado, evitando que esses recursos reforcem visões naturalizadas da realidade ou promovam respostas padronizadas e descontextualizadas. A tecnologia, nesse campo, só será pedagógica se contribuir para aprofundar a reflexão e ampliar o debate, e não para substituir o exercício crítico que caracteriza o trabalho sociológico em sala de aula.

Entre as potencialidades mais visíveis da IA no ensino de Sociologia, destaca-se sua capacidade de auxiliar no planejamento pedagógico, sugerindo temas, estratégias e dinâmicas de aula que podem tornar o ensino mais dinâmico e conectado às realidades vividas pelos estudantes. A IA também pode favorecer o estímulo à pesquisa, à produção de textos e à elaboração de argumentos, desde que mediada criticamente pelo professor. Além disso, há um evidente potencial interdisciplinar, uma vez que essas ferramentas permitem cruzamentos entre conteúdos diversos, contribuindo para uma aprendizagem mais integrada.

Contudo, essas possibilidades não podem ser desvinculadas dos limites e riscos implicados no uso da inteligência artificial. Um dos principais desafios está na superficialização do conhecimento, já que a IA opera com base em padrões linguísticos e estatísticos, gerando respostas que buscam coerência textual, mas não necessariamente rigor conceitual ou profundidade analítica. Isso pode induzir estudantes e até mesmo educadores a aceitarem explicações simplificadas como suficientes, comprometendo a complexidade que temas sociológicos exigem. A lógica de funcionamento dessas ferramentas tende a priorizar a fluidez da linguagem em detrimento da problematização, e muitas vezes desconsidera os conflitos, as contradições e as dimensões políticas dos fenômenos sociais.

Como alerta Boratto (2023), estamos constantemente expostos a **vieses inconscientes** ao interagir com algoritmos, os quais selecionam e organizam informações a partir de dados históricos marcados por desigualdades. Esse processo de filtragem automática não apenas reforça estereótipos e silencia perspectivas dissidentes, como também pode reduzir a pluralidade de visões de mundo acessível aos estudantes. Em vez de ampliar horizontes, a IA, quando utilizada de forma acrítica, pode





limitar o campo de possibilidades interpretativas, substituindo a dúvida pelo consenso superficial e a crítica pela resposta pronta. Esses riscos exigem atenção redobrada no campo da Sociologia, onde o conhecimento deve ser construído a partir do confronto entre diferentes leituras da realidade, e não por meio da acomodação a padrões previamente definidos por sistemas opacos.

Essa crítica se torna ainda mais aguda quando se considera a perspectiva do racismo algorítmico. Como aponta Silva (2022), a inteligência artificial tende a reproduzir as desigualdades históricas presentes nos dados que alimentam seus sistemas, atualizando, assim, o racismo estrutural sob uma nova roupagem — mais técnica, mais silenciosa e, por isso, potencialmente mais perversa. A lógica algorítmica, ao se apoiar em grandes bases de dados geradas em contextos de exclusão, acaba por consolidar padrões discriminatórios que já operam nas esferas sociais, econômicas e culturais. Isso se manifesta, por exemplo, na forma como sistemas de recomendação, reconhecimento facial e filtragem automatizada podem marginalizar corpos racializados, reduzir suas presenças simbólicas ou associá-los a padrões de suspeição e criminalização.

Borges da Silva (2023), por sua vez, amplia essa reflexão ao argumentar que a IA opera sobre as ruínas de um mundo historicamente estruturado pela exclusão. A autora articula a crítica sociotécnica com a crítica decolonial, evidenciando como as promessas de eficiência e neutralidade das tecnologias digitais frequentemente ocultam a reprodução de violências simbólicas, epistêmicas e raciais. A crença na imparcialidade dos algoritmos desconsidera que todo sistema de inteligência artificial é fruto de decisões humanas — que envolvem escolhas de dados, modelos, objetivos e métricas — e, portanto, carrega consigo as marcas de uma sociedade hierarquizada, desigual e seletiva.

Ao naturalizar os resultados produzidos por esses sistemas como se fossem “neutros” ou “objetivos”, corre-se o risco de legitimar práticas excludentes sob o manto da racionalidade técnica. Essa camada de invisibilidade algorítmica reforça a desresponsabilização ética e dificulta a identificação das estruturas de dominação que operam nos bastidores da tecnologia. Por isso, trazer o racismo algorítmico para o centro do debate educacional é fundamental: não apenas para compreender como ele afeta estudantes e comunidades escolares, mas também para ampliar a função crítica da Sociologia na escola, desvelando os mecanismos contemporâneos de perpetuação das desigualdades.

Outro ponto crítico diz respeito à despolitização do conhecimento. Ferramentas de inteligência artificial, como o ChatGPT, tendem a oferecer respostas bem estruturadas e gramaticalmente corretas, muitas vezes envoltas em uma aparência de neutralidade e autoridade técnica. No entanto, tais respostas frequentemente carecem de contexto histórico, posicionamento ético e sensibilidade às contradições sociais, o que pode resultar em conteúdos diluídos, generalistas





e desprovidos de densidade analítica. Essa dinâmica compromete o potencial da educação como prática emancipadora e relega o conhecimento sociológico à condição de simples informação, descolada das disputas simbólicas e materiais que atravessam a vida social.

Esse processo de neutralização técnica do conhecimento é especialmente problemático no campo das Ciências Sociais, cuja função pedagógica é, justamente, estimular a problematização das estruturas de poder, das desigualdades sociais e das múltiplas formas de dominação presentes na sociedade. Ao oferecer respostas que evitam conflitos, omitem disputas ou apresentam explicações harmônicas para realidades profundamente assimétricas, a IA pode induzir uma visão despolitizada do mundo social, esvaziando o potencial crítico da Sociologia na escola.

Mais do que apenas informar, ensinar Sociologia significa tensionar, provocar, construir perguntas — muitas vezes sem respostas fáceis — e colocar o estudante em contato com a complexidade do real. Quando o conteúdo é mediado por uma ferramenta que tende à homogeneização e à eficiência técnica, corre-se o risco de se silenciar as contradições, as vozes marginais e os conflitos que estruturam a sociedade. Isso não significa rejeitar o uso da IA, mas reconhecer que seu funcionamento automatizado e probabilístico não substitui a mediação pedagógica nem a dimensão ética e política da docência.

Portanto, a despolitização promovida pela inteligência artificial, quando utilizada de forma acrítica, contraria frontalmente os princípios que orientam o ensino de Sociologia na escola. Ao esvaziar os conflitos, silenciar os antagonismos e apresentar respostas aparentemente neutras, a IA pode obscurecer os processos históricos, sociais e políticos que estruturam a vida em sociedade. Isso se opõe ao papel formativo da disciplina, cujo compromisso é com a construção de sujeitos críticos, capazes de compreender seu lugar no mundo, identificar as relações de poder que os atravessam e questionar as lógicas que sustentam as desigualdades sociais. Nesse contexto, o papel do professor torna-se ainda mais central. Não basta incorporar a IA como recurso técnico; é necessário tensionar os discursos que ela produz, problematizar suas premissas e inseri-los em debates mais amplos, que envolvam diversidade de perspectivas, confrontação de ideias e reflexão ética. A mediação docente deve garantir que a tecnologia seja utilizada não para substituir o pensamento crítico, mas para estimulá-lo. Promover a politização do conhecimento, nesse sentido, significa ir além do conteúdo superficialmente apresentado, abrindo espaço para a análise das contradições sociais e para o exercício da cidadania reflexiva. A Sociologia, assim, reafirma sua função como disciplina que forma para o pensamento e para a ação transformadora.

Neste sentido, é fundamental que as discussões sobre a inteligência artificial no ensino de Sociologia não se limitem ao uso instrumental dessas tecnologias, mas incluam também sua análise como objeto de investigação sociológica. Questionar como funcionam os algoritmos, quem os





desenvolve, quais dados os alimentam e a quem esses sistemas servem é essencial para promover uma compreensão crítica das estruturas sociotécnicas que moldam a vida social contemporânea. Inserir a IA como tema de reflexão nas aulas de Sociologia permite formar estudantes capazes de analisar os dispositivos que organizam o cotidiano, identificando neles relações de poder, desigualdades e disputas simbólicas frequentemente invisibilizadas.

A Sociologia, desta forma, cumpre uma função central: desnaturalizar comportamentos, discursos e estruturas que se apresentam como neutros, universais ou tecnicamente inquestionáveis. Essa capacidade de estranhamento — de olhar criticamente para o que é tomado como dado — é ainda mais urgente frente ao avanço de tecnologias sofisticadas, que tendem a ser legitimadas sob o discurso da objetividade algorítmica. No entanto, tais sistemas não são neutros: estão imersos em escolhas humanas, valores implícitos e condicionantes históricos que precisam ser problematizados. Ao tratar a IA como fenômeno social, o ensino de Sociologia contribui para revelar que até mesmo as ferramentas mais avançadas da tecnologia carregam ideologias, interesses e contradições. Dessa forma, a disciplina reafirma seu papel formativo e político, ao estimular nos estudantes a capacidade de compreender criticamente o mundo em que vivem e de se posicionar diante dos processos que o estruturam.

A naturalização das respostas fornecidas pela IA, quando não problematizadas, pode reforçar visões conservadoras, estereotipadas ou simplistas sobre fenômenos sociais. Ao abordar a IA como tema e ferramenta em sala de aula, o ensino de Sociologia pode revelar aos estudantes que nada no mundo social é dado ou inevitável, e que até mesmo as tecnologias mais avançadas estão inseridas em relações de poder, disputas simbólicas e interesses econômicos.

Portanto, mais do que utilizar a IA para dinamizar o processo pedagógico, é necessário inseri-la no centro da reflexão sociológica, como um fenômeno que demanda análise crítica e politização. Ao fazer isso, a Sociologia reafirma seu papel fundamental no currículo escolar: formar sujeitos capazes de pensar contra o senso comum, questionar a aparente neutralidade das instituições e intervir ativamente na construção de uma sociedade mais justa, democrática e consciente de suas contradições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises desenvolvidas ao longo do trabalho, buscamos discutir as potencialidades e os limites do uso da inteligência artificial no ensino de Sociologia, articulando uma perspectiva teórico-reflexiva com base em experiências educacionais concretas, sem, no entanto, tratar essas experiências como objeto empírico central da análise. Com isso, procurou-se oferecer uma





contribuição crítica sobre como essas tecnologias, cada vez mais presentes no cotidiano escolar, impactam as práticas pedagógicas, os processos formativos e o próprio sentido da educação pública e democrática.

Como conclusão geral, destaca-se que a inteligência artificial pode, sim, atuar como ferramenta de apoio ao ensino da Sociologia, favorecendo a elaboração de estratégias didáticas mais criativas, a promoção de debates e a articulação interdisciplinar. Contudo, esses potenciais só se realizam plenamente quando mediados por um projeto pedagógico comprometido com a formação crítica dos estudantes. O uso da IA não pode se restringir à repetição de padrões de resposta ou à automatização de tarefas, sob pena de contribuir para a despolitização do conhecimento e para a superficialização dos conteúdos escolares.

A análise demonstrou que os riscos associados ao uso acrítico da IA incluem a reprodução de vieses inconscientes, a atualização de desigualdades raciais e sociais por meio do racismo algorítmico, e a tendência à homogeneização de discursos, sob a aparência de neutralidade técnica. Esses elementos apontam para a urgência de se promover uma mediação docente ética, atenta aos impactos das tecnologias digitais no ambiente educacional, e capaz de inserir a própria IA como tema de reflexão sociológica.

Nesse sentido, defende-se que a Sociologia escolar deve manter sua função formativa e questionadora, operando como ferramenta de desnaturalização de comportamentos, discursos e estruturas que organizam a vida social. Ensinar Sociologia é ensinar a perguntar, a duvidar, a confrontar certezas. E é nesse exercício que se encontra a potência da disciplina frente aos desafios do tempo presente.

A partir dessa discussão, abrem-se possibilidades para novas investigações empíricas que aprofundem o impacto real da IA na prática docente e na aprendizagem dos estudantes, especialmente em contextos de desigualdade educacional. Também se faz necessário ampliar o debate sobre os critérios de uso dessas ferramentas no interior das escolas, promovendo o diálogo entre docentes, desenvolvedores, pesquisadores e comunidades escolares.

Por fim, a reflexão aqui apresentada fundamenta-se em uma concepção de educação em direitos humanos, que, embora utópica em certo sentido, aponta para a urgência de práticas educativas mais inclusivas, dialógicas e transformadoras. O uso da inteligência artificial no ensino da Sociologia não deve ser pensado como solução técnica, mas como uma oportunidade de reafirmar o papel político e ético da educação na formação de sujeitos críticos e comprometidos com a transformação da realidade.





REFERÊNCIAS

BODART, Cristiano das Neves; FEIJÓ, Fernanda. Ciências Sociais no currículo do Ensino Médio brasileiro. *Revista Espaço do Currículo*, v. 13, p. 219-234, 2020.

BORATTO, Murilo do Carmo. Inteligência artificial: breve histórico, conceitos e reflexões. In: ALVES, Lynn (Org.). *Inteligência Artificial e Educação: Refletindo sobre os Desafios Contemporâneos*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2023. p. 21-31.

BORGES DA SILVA, Jamile. As ciências sociais e o anjo da história: o racismo nas ruínas da inteligência artificial. In: ALVES, Lynn (Org.). *Inteligência Artificial e Educação: Refletindo sobre os Desafios Contemporâneos*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2023. p. 191-209.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MAGALHÃES, Alexander. Simulação Parlamentar no Ensino Médio: uma abordagem didática potencializada pela IA. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS, 1., 2023, Brasília. *Anais eletrônicos*. Brasília: CIENCS, 2023.

NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. A sociologia digital: um desafio para o século XXI. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 18, n. 41, p. 216-241, jan./abr. 2016.

PIMENTEL, Mariano; CARVALHO, Felipe; CHATGPT-4, OpenAI. ChatGPT: potencialidades e riscos para a educação. *SBC Horizontes*, 8 maio 2023. ISSN 2175-9235. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2023/05/chatgpt-potencialidades-e-riscos-para-a-educacao/>. Acesso em 20/03/2025.

SILVA, Tarcízio. *Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.

